

INFLUÊNCIA DOS PADRÕES MORFOLÓGICOS LATINOS NA TERMINOLOGIA CIENTÍFICA

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)

RESUMO

Neste artigo, pretendemos mostrar a influência do latim, clássico, medieval e mesmo vulgar, nas formações científicas, que passaram a vigor intensamente no léxico português, a partir do século XX. Baseamo-nos no *corpus* coletado pelo professor Francisco da Silva Borba e publicado entre 1950 e 1990, além de obras lexicográficas do português e de lingüística histórica.

Palavras-chave: latim clássico, latim medieval, prefixo.

INTRODUÇÃO

Pretendemos com este trabalho mostrar como os padrões latinos de formação de palavras têm influência na terminologia científica, cabendo especial menção aos herdados do latim medieval. Valemo-nos de um *corpus* escrito do português brasileiro coletado pelo professor Francisco da Silva Borba e publicado entre 1950 e 1990. Este *corpus* consta dos seguintes sub *corpora* com suas respectivas ocorrências: (1) literatura romanesca – 1.394.855; (2) literatura dramática – 620.386; (3) literatura técnico-científica – 1.223.605; (4) literatura jornalística – 1.458.174; (5) literatura oratória – 442.176. Tendo procedido ao tratamento estatístico, chegou-se a mais de 140.000 formas diferentes. Uma vez, porém, feita a tematização, essas formas se reduziram a 100.000 unidades léxicas, através da eliminação dos nomes próprios a que se denomina "lixo lexical".

Complementarmente, socorremo-nos de dicionários representativos da língua, como Ferreira (1999). Nosso objetivo é trabalhar especificamente com a prefixação, baseado em obras como as de Maurer Jr. (1951, 1959) e a de Romanelli (1964). Como base de apoio, recorreremos ao dicionário de Saraiva (1993). Assim, contribuímos para o ensino da diacronia e para a descrição do português, já que, em geral, as gramáticas históricas oferecem uma lista de prefixos, sem atentar para as condições de produção dos mesmos e sem especificar a que modalidade de latim estão se referindo: clássico, vulgar ou medieval.

DIRETRIZES DE ANÁLISE

Enveredamo-nos na discussão de aspectos formais e distribucionais. Não paramos aí, todavia. Nas modernas pesquisas calcadas em *corpus*, julgamos empobrecedor, senão extemporâneo, o restringir-se à mera distribuição de formas, em detrimento de considerações semânticas complementares, impostas pelo conjunto dos dados.

Isto posto, analisaremos os prefixos latinos e vernáculos, conforme os seguintes parâmetros:

- a) prefixos sem correspondência formal com forma livre ou dependente;
- b) prefixos correspondentes a formas livres ou dependentes.

O item a abrange não apenas afixos como *in-* negativo e *des-*, mas também formas braquissêmicas: *maxi-*, *mini-*, *recém-*. O item b, por sua vez, encerra prefixos correspondentes a preposições e aqueles correspondentes a advérbios.

Cumprе ressaltar que algumas formas prefixais vistas mais verticalmente constituem fronteiras com a palavra, sendo, pois, as formas de que participam são fronteiraças entre a composição e a derivação. Estas formas prefixais caracterizam-se pela pauta acentual 2, no plano fonológico. No plano gramatical, os compósitos de que toam parte se sujeitam à braquissêmia contextual ou sintática do tipo *extra e intraclasse*, *supra e superpartidário*. Todavia, não entraremos aqui no mérito destas questões.

As formas constantes do corpus serão marcadas por asterisco, quando não lexicografadas, tomando-se como base o dicionário já citado. Se não houver esta indicação, explicitaremos verbalmente a não dicionarização.

ANÁLISE DO *CORPUS*

Prefixos sem correspondência com forma livre ou dependente

AB- e ABS-

Não encontramos, no nosso *corpus* palavras de cunho científico. Ferreira (1999) só apresenta alguns exemplos de formações de-

adjetivais e dessubstantivais, de cunho científico, as quais ilustram modelos latinos (vejam-se estes exemplos: *absimilis*, "diferente", *absurdus*, "dissonante"): *abaxial* (fís), *ablamelar* (bot), *abevacuação* (med), *abmigração* (zool), *abirritar* (med).

AD-

Pertencente ao léxico científico, encontramos apenas as formações *advérbio*, *adnominal*, *adrenal* e *adrenérgico*. As duas primeiras pertencem à Lingüística e as duas últimas à Medicina. O substantivo *advérbio* provém do latim *adverbium*. O adjetivo *adnominal*, não encontrado em Cunha (1987), é provavelmente formado em nossa língua, conforme modelo latino. O adjetivo *adrenal*, não registrado em Ferreira (1999), parece ser empréstimo do inglês, segundo podemos inferir da leitura do verbete *adrenalina*, da obra de Cunha já citada. O dicionário de Serpa (1973), de fato, traz o verbete *adrenal*, que corresponde a *supra-renal*. Fosse mantida a vernaculidade, o nome do hormônio deveria ser supra-renalina. O termo *adrenérgico* também não é acolhido em Ferreira. Ele é de caráter híbrido, já que reúne três componentes latinos *ad-*, "junto a", *ren*, "rim", e *-ic(o)*, sufixo indicador de "relação", "pertinência", e *-erg-*, radical grego, que significa "trabalho", "ação". O significado global é "que age sobre a adrenalina". O termo se associa com outras da área médica: *colinérgico* e *serotoninérgico*.

Seria recomendável pesquisar, no caso de *adrenérgico* e congêneres da linguagem técnica, até que ponto se exerce a influência do inglês. Intriga-nos a presença de *adren-*, ligado a *adrenal*, como vimos. A formação esperada seria *supra-renérgico* ou, melhor ainda, *supra-renalinérgico*.

Ad- parece propiciar as formações técnico-científicas. Neste particular, os dados do Aurélio são oportunos para a comprovação. Eis alguns exemplos relativos à nomenclatura especializada conformes com o cânon latino:

a) Adjetivos:

- *adaxial* (botânica: literalmente "junto ao eixo"): "escamas superiores seminíferas das coníferas"

- ad-digital (zoologia): "situado nas proximidades dos dedos"
- adoral (zool): "situado na vizinhança da boca"
- adorbital (anatomia): "osso próximo da órbita"

b) Verbo:

- adligar-se (bot): "fixar-se por apêndices ou raízes"

c) Substantivo:

- adstrato (lingüística): "língua que constitui fonte de empréstimos para outra língua falada em região vizinha".

O que realmente vingou em nossa língua, e isto desde o latim vulgar, consoante testemunho de Maurer Jr. (1951:121-22), foi o emprego de *ad-* na parassíntese verbal. Neste caso, o prefixo se vernaculiza em *a-*.

BI-

O corpus é relativamente rico em formações com *bi-* (mais do que com aquelas com *bis-*). Nele, há que se distinguir formas herdadas da língua latina, em sua maioria de natureza erudita. De formação científica, temos *bicorne*, *bípede*, *bivalve*, *bifronte*. Em formações vernáculas *bi-* se anexa a adjetivos e substantivos significando, como em latim, "dois, duas vezes, duplo". São estes os deadjetivais: *biacromial** (<acromial: "relativo acrômio, apófise terminal da espinha de cada omoplata), *bicálcico** (quim), *birrefringente* (fis), *bidimensional* (mat), *bizigomático* (med), *bifásico* (fis), *bifocal* (fis), *bilateral* (pode ser termo técnico:bot), *bimolecular* (quim). Os dessubstantivais são: *bicarbonato* (quim), *birrefringência* (fis), *bicromato* (quim), *bissulfato* (quim).

Consultando Ferreira (1999), extraímos, dentre outras, as seguintes palavras que corroboram a tese de que *bi-* é favorável a formações científicas deadjetivais e dessubstantivais: *biáxifero*, *bicapsular*, *bicarenado*, *bicelular*, *bicolateral*, *bifendido*, *bifloro*, *bifolículo*, *bigêmeo*, *bigeminado*, *binervado*, *bipetalado* (Biologia); *bicôncavo*, *biconvexo*, *biestável*, *bipolar*, *bipolo*, (Física); *bicomposto*, *bilateral*, *bitransitivo* (Lingüística); *bicontínuo*, *binormal* (Matemática); *biatômico*, *bicloreto*, *bifosfato*, *bissulfato*, *bitartarato* (Química).

INFRA-

O prefixo *infra-* assume o significado fundamental de "abaixo de, posição inferior". Entenda-se aqui que este sema pode aplicar-se inclusive no plano moral (ex. *infra-humano*: "abaixo do nível considerado padrão para o ser humano").

O *corpus* revela o seguinte: a) *infra-* se une a bases substantivais: *infra-estrutura*, *infra-som*; b) *infra-* se acrescenta a bases adjetivais: *infra-estrutural*, *infra-humano**, *infra-orbitário*, *infravermelho*.

As formações com *infra-* não pertencem à linguagem do dia-a-dia. Percebemos que elas tendem ao domínio da terminologia técnico-científica. *Infra-som* e *infra-vermelho*, por exemplo, são termos da Física, mais especificamente da Acústica. *Infra-orbitário* é termo da Anatomia.

O que sugere o *corpus* é corroborado pelo Aurélio. Afora os itens lexicais de cunho erudito, usados em registro formal: *infra-assinado*, *infra-colocado*, *infra-escrito*, *infra-medíocre*, há os da nomenclatura técnico-científica, quatro da anatomia: *infraglótico*, *infra-hepático*, *infra-hióide* e *infra-renal*, um da botânica: *infra-axilar* e um da zoologia: *infrabasililar*.

É conveniente salientar que *infra-* não se constituía elemento formador de palavras no latim clássico. Saraiva (1993) cita um só exemplo, retirado de uma inscrição: *infraforanus*, "que fica ou está colocado abaixo da praça pública".

O paradigma vernáculo inovou, como vimos, introduzindo o padrão *infra* + substantivo. O importante, contudo, a destacar é que, tomando como parâmetro nosso *corpus*, *infra-* não é expressivo na formação de novas unidades léxicas. Basta verificar que apenas um derivado, *infra-humano*, não é registrado no Aurélio. Cunha (1987) não alude a *infra-* e a nenhuma formação com este elemento.

INTRA-

Significando "posição interior", *intra-* se anexa prioritariamente a adjetivos, conforme dados do *corpus*: *intra-alveolar**, *intramuscular*, *intra-arterial*, *intra-ósseo*, *intra-bucal**, *intra-peritoneal**, *intracelular intrapleural**, *intradérmico*, *intra-psíquico**, *intra-europeu**, *intratecal (dentro da teca)*, *intra-uterino*, *intralesional**, *intravenoso*, *intraluminal**, *intravestibular*, *intramedular*.

É patente a presença de *intra-* na nomenclatura científica, como demonstram, dentre outros, os exemplos: *intra-alveolar*, *intra-arterial*, *intra-bucal*, *intracelular*, *intradérmico*, *intramuscular*, *intra-óssea*, *intrapleural*, *intravestibular*. O Aurélio por sinal arrola, entre os derivados, formações pertencentes ao citado domínio, em número relativamente expressivo. Situam-se na linguagem da anatomia: *intracraniano*, *intra-hepático*, *intranasal*, *intra-ocular*, *intra-oral*, *intra-otorácico*, *intravascular*; da morfologia vegetal: *intramarginal*, *intradilatado*, *intrapeculiar*.

Segundo Cunha (1987), *intra-* só ocorre no latim tardio. Chama atenção para o fato de que o prefixo é de grande emprego na formação de compostos(!), particularmente no campo da Biologia (*intramedular*, *intramuscular*, *intravenoso*), onde é naturalmente usado em oposição a *extra-*.

OB-

Ob-, afixo dado nas gramáticas tradicionais com o significado de "posição em frente" e "oposição", participa efetivamente de formações eruditas adjetivais introduzidas na linguagem científica internacional a partir do século XIX. O modelo de tais formações já se encontrava em latim, em que havia adjetivos, do tipo *oblongus*, "oblongo" e *obuncus*, "curvo, adunco". Em nosso corpus, encontramos uma só formação deste tipo: *oblongo* (<*oblongus*). Os dados abaixo são retirados do Aurélio: *obcláveo*, *obdiplostênone*, *obsserulado*, *obcônico*, *oboval*, *obturbinado*, *obcordado*, *obóveo*, *obovalado*, *obcordiforme*, *obovóide*, *obdentado*, *obpiramidal*.

PER-

O *corpus* oferece um só exemplo em que *per-* se adiciona a um substantivo: *permanganato*, termo da Química. Todavia, os dados lexicográficos complementares sinalizam certa vitalidade de *per-* neste setor da ciência. Ele indica dado elemento químico participa na sua proporção máxima de determinado composto. *Per-* é empregado com valor intensivo.

A inspiração semântica para o supra-referido processo, assim cremos, é latina. *Per-* participava, com valor intensivo, de bases verbais: *percupire* "desejar muito", *pergaudere* "alegrar-se intensamente" e adjetivais: *peralbus*: "muito branco", *perdignus*: "muito digno" e adverbiais (raro): *permulti* "multíssimo". Na Química, *per-* se aplica também a bases substantivais: *percloreto*, *permanganato*, *peróxido*, etc. Fica aqui a sugestão de pesquisar-se mais detidamente o prefixo na nomenclatura química.

PLURI-

Pluri- era um prefixo, em latim, de expansão muito limitada. A preferência era por *multi-*. Ele se anexava a substantivos, simultaneamente com sufixos de segunda ou terceira declinação, gerando adjetivos, de natureza parassintética: *plurilaterus* (<*pluri* + *later* + *us* "de muitos lados"), *pluriformis* (<*pluri* + *form* + *is* "de muitas formas").

Este padrão encontrou certa acolhida na terminologia erudita, especialmente da Biologia: *plurifloro*, "de muitas flores", *pluripétalo* "de muitas pétalas" e *plurivalve* "de muitas valvas". Naturalmente, trata-se de uma adaptação vernácula, já que o *-o* e o *-e* final dos adjetivos são sufixos temáticos e não desinências casuais.

Nenhum exemplo congênere é encontrado no *corpus* que nos orienta. O padrão identificado, de expansão não muito significativa, considerando-se os exemplos não registrados pelo Aurélio, é *pluri* + adjetivo: *pluricarencial* e *plurissexual*. Estes exemplos são consoantes com o padrão de formações que entraram no português via linguagem científica internacional do século XIX.

PÓS-

Segundo Maurer Jr. (1951:130), *post-* prefixo indicador de posterioridade, é um prefixo literário, de emprego restrito tanto em latim como nas línguas românicas, quer seja ele verbal ou nominal. Temos assim *posthabere*, "colocar em segunda ordem", *postponere*, "colocar depois, em segundo lugar; *postgenitus*, "gerados depois, descendentes", *postmeridianus* "depois do meio-dia", *postprincipia* "depois do princípio, conseqüência, resultado".

Podemos admitir, como quer Maurer Jr, a natureza erudita do prefixo. Contudo, pelo menos no que tange ao português, *pós*, proveniente de *post-*, se revela de razoável vitalidade, inclusive na linguagem científica, onde se salienta. Adiciona-se, como *post-* a substantivos e adjetivos, raramente a numerais, conforme nossos dados, não incluídos no Aurélio: *pós-abdômen*, *pós-naturalista*, *pós-orgânico*, *pós-cirurgia*, *pós-paleolítico*, *pós-parto*, *pós-colheita*, *pós-petróleo*, *pós-estruturalista*, *pós-renascentista*, *pós-freudiano*, *pós-revolução*, *pós-gonocócico*, *pós-sináptico*, *pós-vocálico*, *pós-mozartiano*, *pós-sessenta*.

Provavelmente, foi o paradigma das primeiras formações vernáculas, introduzidas no século XIX que motivou o padrão prefixo + base nominal (adjetival ou substantival).

PRE-

Pre-, afixo que carrega a noção de anterioridade, prende-se à forma latina *prae-*, a qual se unia a verbos: *praedicere*, "predizer", *praesentire* "sentir com antecipação" e adjetivos: *praecanus* "que tem os cabelos brancos antes do tempo", *praematurus* "maduro antes do tempo".

Segundo Maurer Jr. (1951:130), *pre-* chegou primeiramente às línguas românicas em empréstimos ou imitações do latim, desde a Idade Média, quer como prevérbio, quer como prefixo nominal.

Considerando, todavia, os dados do *corpus* impõe-se dar pesos diversos às formações nominais em relação às verbais, estas de fraca expansão. No referente aos verbos, boa parte já se encontra nos dicionários. Muitos são oriundos do latim, a exemplo de *predestinar* (<praedestinare), *predizer* (praedicere), *predominar* (através do francês *prédominer* este de *praedominare), *pré-existir* (<fr. pré-existir,

este do latim eclesiástico (*praeexistere*), *prefigurar* (*praefigurare*), *preponderar* (<*praeponderare*), *pressentir* (<*praesentire*), *pressupor* (<*praesuponere*) e *prever* (<*praevidere*).

Em termos de análise sincrônica, é bem representativo o número de verbos que se deixam segmentar em prefixo mais base livre, como *predestinar*, *predizer*, *pré-existir*, *pressupor* e *prever*.

Nosso *corpus*, porém, não evidencia a consistência do supracitado padrão em português: só há o verbo *pré-anular*, na forma flec-tida, *pré-anulam*. Seria instigante procurar os motivos da precária vi-talidade do paradigma. Provavelmente isto se deve ao fato de, por ocasião da introdução das formações com *pré-* em português, ter-se instaurado o padrão prefixo + base nominal, que motivou as forma-ções subseqüentes.

Pré- forma novos itens lexicais inteiramente motivados. As regras de formação são bem transparentes, tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista semântico. Abaixo damos a lista dos derivados com *pré-*. Não separamos os casos em que *pré-* se anexa a substantivos daqueles em que se anexa a adjetivos. As formações não são incluídas no Aurélio: *pré-abdômen*, *pré-andino*, *pré-canceroso*, *pré-clínico*, *pré-colonial*, *pré-custeio*, *pré-eclâmpsia*, *pré-escatológico*, *pré-euclidiano*, *pré-filatélico*, *pré-genital*, *pré-germinação*, *pré-germinado*, *pré-investimento*, *pré-lingüístico*, *pré-óptico*, *pré-ortodôntico*, *pré-paradigmático*, *pré-protético*, *pré-psicótico*, *pré-pubertário*, *pré-púber*, *pré-sináptico*, *pré-social*, *pré-testável*, *pré-tratamento*, *pré-verbal*, *pré-xerose*.

Pré- se acha presente em todos os *subcorpora*, destacada-mente no *subcorpus* científico. Há certamente *subcorpus* onde o pre-fixo é menos freqüente. Isto seria, entretanto, objeto de uma aprecia-ção quantitativa e qualitativa a que não se propõe nosso trabalho.

QUADRI-, QUADRU-

Em latim, *quadri-* e sua variante *quadru-* se adjungiam, si-multaneamente com sufixos de segunda ou terceira declinação, a substantivos formando adjetivos: *quadrangulus*, "de quatro ângu-los", *quadriremis*, "de quatro remos". Na linguagem científica, houve adaptação vernácula do processo, conforme mostram estes adjetivos

extraídos do Aurélio: *quadricórneo* "de quatro cornos", *quadriflóreo* "de folhas dispostas quatro a quatro". Há inclusive o aproveitamento das bases presas, a que se acrescenta o prefixo: *quadricípite* "de quatro feixes" (cf. latim *biceps*, *cipitus* "de duas cabeças") e *quadri-valve*, "de quatro valvas".

Ainda em latim, como processo secundário e pós-clássico, segundo inferimos de Saraiva (1993), desenvolveu-se o padrão *quadri-* + adjetivo: *quadrangularis* e *quadricubitalis*, respectivamente: "de quatro ângulos" e "de quatro côvados".

Este último padrão prosperou um pouco mormente em linguagem técnica e erudita. Na Biologia, temos *quadridentado*, *quadrigitado*, *quadrilunulado* ("de quatro manchas em formas de lua"). No corpus, identificamos um só exemplo, da linguagem jornalística: *quadrifônico*, não dicionarizado.

O português também desenvolveu o padrão *quadri-* + substantivo, a exemplo de *quadripolo*, *quadriposição*, *quadri vetor*, termos da Física, citados no Aurélio. A julgar pelos nossos dados, *quadri-* não se revela próspero. Considerando-se os dados lexicográficos, parece-nos um prefixo de extração erudita, circunscrito predominantemente à nomenclatura científica.

SUB-

Sub-, prefixo que em latim possuía dois semas básicos, "de baixo para cima" e "soto posição, se agregava a verbos e nomes. Sua introdução em português se deu por influência da língua culta. A forma vernácula é *sob-* (ou *so-*, variante), que comparece prefixalmente em *soerguer* e parassinteticamente em *sobraçar*. Não obstante o caráter culto de *sub-*, ele tem vitalidade mais pronunciada que *sob-*. *Sub-* apresenta-se como prefixo nominal e verbal, sendo o de eleição o ambiente pré-nominal.

Como afixo pré-substantival, *sub-* é de emprego antigo, remontando ao latim, embora não ostentasse aspecto clássico. Pertencia a linguagem técnica e passou para as línguas românicas, via latim medieval. Indicava, junto a substantivo designador de cargo, função subalterna. Maurer Jr. (1951:131) registra *subdiaconus*, no código de Justiniano, *subdoctor* (professor ajudante) em Ausônio, *subvillicus*

(sub-administrador). Em Plauto, encontra-se *subcustos*, "sotoguarda". Justificam-se portanto derivados portugueses como *subchefe*, *subdelegado*, *subgerente*.

Mas *sub-* não se confinou aos casos acima e congêneres. Tem hoje seu emprego bastante alargado, aplicando-se tanto a substantivos como a adjetivos. Ele assume matizes semânticos diversos derivados do sentido fundamental. Em ciência, pode ter acepção locativa: *subandino*, *subcutâneo*, *subcortical*, *subgingival*; partitiva: *subatômico*. Indica igualmente "um pouco, um tanto", em alguns termos técnicos da Biologia: *subbraquicéfalo*, *subdolicocéfalo*, *subglobosa*, *submuricado*. Este último matiz sêmico provavelmente se deve à influência do latim, onde eram numerosas as formações como: *subagrestis* "um pouco rústico", *subraucus* "um pouco rouco".

Abaixo, listamos em dois grupos os derivados científicos com o prefixo *sub-*, não lexicografados:

Substantivais: sub-história, subárea, subcentro, subcultura, subdeterminação, subdosagem, subentroncamento, subfertilidade, sublapso, subnível, subprodução, subprograma, subproletariado, subtema, subtexto, subtópico.

Adjetivais: subandino, subaracnoidiano, subarborescente, subcortical, subdolicocéfalo, submuricado, sub-romântico, subutilizado

SUPER-

Em latim, *super-* se mostrava muito prolífico, quer como preverbo, como prefixo nominal. Além da noção básica de superposição (ex. *superponere*, "por sobre", *superscribere*, "escrever por cima"), existem as de transposição (*supervadere* "transportar") e a de excesso (*supervacuus* "muito vazio"). Porém, na România Ocidental, em particular no português, acabou por vigorar a noção de excesso. Menção seja feita à tradição medieval que nos legou inúmeras formações com *super-*, em que este apresenta valor intensivo: *supereminente*, *superabundância*.

O corpus revela uma fraca tendência de *super-* ligar-se a verbos, se comparada à de vincular-se a substantivos e adjetivos. Algu-

mas formações remontam ao latim, como *superpor* (<superponere), *superexaltar* (<superexaltare), *superabundar* (<superabundare).

Nos derivados nominais, vigora a noção de excesso. Os limites nocionais do item lexical de base são superdimensionados. Não conseguiu firmar-se na língua um padrão em que *super-* tivesse a noção de superioridade em cargo, para que se contrapusesse a *sub*. O substantivo *superintendente* é do latim, via particípio presente. O substantivo *superestrutura* é um exemplo isolado em que o prefixo tem o sema contraponível ao de *infra-*.

Damos a seguir as seguintes formações científicas com *super-*, não acolhidas no Aurélio:

Adjetivais: super-reprodutor, superalimentício, superdesenvolvido, superdimensionado, superminiaturizado, superneurótico, supernormal.

Substantivais: super-humanismo, supercérebro, supercompensação, superconstrução, supercorreção, supercosmo, superdosagem, superexploração, superinfecção, supermicroscópio, supermotivação, superorganismo, superovulação, super-senso.

SUPRA-

Faria (1958:284) não se refere a *supra-* em gramática latina, quer como préverbo, quer como prefixo nominal. Romanelli (1964) e Maurer Jr. (1951, 1959) também não fazem menção ao afixo.

Em Saraiva (1993) localizamos poucos exemplos de *supra-* como préverbo e como prefixo adjetival. Mesmo neste último caso, as bases têm vinculação verbal, conforme atestam os exemplos *supradictus*, "sobredito", *supranatans*, "que nada sobre", e *suprasedens*, "sentado em cima". Os dados porém não nos fornecem indícios seguros sobre o caráter clássico ou vulgar do prefixo.

Seja como for, a despeito das condições históricas que o punham em desigualdade inicial em relação a *super-* o prefixo *supra-* foi se difundindo na língua, em especial, no léxico científico. Basta que se consultem, para fins comparativos, Moraes (1813) vol. 2, Au-

lete (s/d), vol.2 e o Aurélio (1999), a fim de verificar a surpreendente expansão de *supra-*.

A título de complementação, eis os dados do *corpus* que o Aurélio não acolhe:

Grupo I (deadjetivais): *suprabasal, suprapúbico, supraceleste, supra-racional, supra-estatal, supra-sintético, supralegal, supralógico, supra-óptico.*

Grupo II (dessubstantivais): *supra-estrutura.*

A noção do prefixo é "acima de", no plano físico ou nocional. *Suprapúbica* é "acima do púbis" e *supra-racional*, "acima do racional".

TRANS-

O corpus atesta razoável número de informações verbais que nos chegaram do latim, por via direta ou indireta (neste caso, por intermédio do francês): *transcender* (<transcedere), *transmutar* (<transmutare), *transcrever* (<transcribere), *transpirar* (<transpirare), *transferir* (<*transferere) *transplantar* (<transplantare), *transfundir* (<transfundere), *transportar* (<transportare), *transgredir* (<*transgredere), *transmigrar* (<transmigra-re) *transverberar* (<transverberare), *transmitir* (<transmittere)

Os poucos exemplos de formações ocorridas em português, como *transbordar* e *transfixar*, já se encontram devidamente lexicografadas.

O corpus evidencia verdadeira expansão do padrão *trans-* + adjetivo o qual se prende a modelo latino (cf. *transalpinus, translucidus*). Listamos abaixo os derivados não acolhidos no Aurélio, nos quais o prefixo apresenta o traço sêmico de "além de", daí o de "mudança", que se observa em *transsexual*: *transcultural, transcurso, translógico, transnordestino, transpantaneiro, transplanetário.*

O português admite também o padrão *trans-* + substantivo: *transaminação* (<amina, substância química), *transaminase, transesterilização, transfronteira, transmantiqueira, transmemória, transpeptidase* (<peptideo, termo da Química).

É notável, como se vê nos dados, a presença de *trans-* em terminologia científica, como mostram os exemplos *translógica*, *transplanetário*, *transesterilização*, *transmemória*, *transaminação*, *transaminase*, *transpeptidase*.

TRI-

Tri-, elemento derivacional que significa "três", se documenta em muitas formações a partir do século XIX, na linguagem erudita. Mas os contextos vernáculos em que *tri-* comparece são um tanto diversos dos do latim, pelo menos considerando os aspectos mais salientes. Em português, por exemplo, não sobrevive, a não ser esporadicamente a parassíntese com *tri-*, como nos adjetivos latinos *triformis* (<tri + forma + is), *trilinguis* (<tri + lingua + is). Formações do nosso corpus, do tipo *trilingue* e *trirreme* são legados da latinidade. Na linguagem da Biologia, conservadora que é, adapta-se ao modelo latino, conforme atestam os adjetivos *tripétalo* e *trissépalo*, existentes no Aurélio.

Nosso *corpus* contém abundantes exemplos de *tri-* empregado na nomenclatura da ciência, mormente da Química. Ilustramos com os substantivos abaixo não encontrados no Aurélio: *tricloretileno*, *trifenil-metilpenicilina*, *tricloreto*, *trifluorperazina*, *triclronaftaleno*, *trideoxi-ribostamicina*, *trimetadona*, *trietilenometenamina*, *trimetilamina*, *triexifenidil*, *trimetilenamina*, *triexilfenidil*, *trinitrotoluol*, *trissulfato*, *triortocresilfosfato*. Constituem formações especiais, segundo convenções da Química, nas quais não nos deteremos.

Deparamo-nos também com adjetivos utilizados na nomenclatura técnica: *tricloraético**, *trisfosfórico**, *trissômico**.

Outros adjetivos são de extração diversa: *tricintado** e *triplexa** (dobrado em três) pertencem à linguagem romanesca e *tripessoal**, à linguagem oratória.

A julgar pelos dados, *tri-* nos parece um prefixo de pouca difusão na linguagem cotidiana. Tende a participar de formações especializadas.

UNI-

Uni- é prefixo que se tomou emprestado ao latim clássico. Foi introduzido a partir do século XIX, tendo como ponto de partida a linguagem científica internacional.

O português expandiu o padrão *uni-* + adjetivo, segundo estes exemplos do *corpus*: unilinear, uniovulado, univalvo*, unirradicular*.

Formação do tipo *univalvo*, variante da dicionarizada *univalve*, "concha de molusco constituída de uma só peça", é imitação de modelo latino (cf. *unimembris*, "de um só membro", *unimanus*, "de uma só mão"). Na Biologia, dá-se guarida a tais formações. Examinem-se, para fins de cotejo estes adjetivos extraídos do Aurélio: *unifólio* (de uma só folha), *unipétalo* (de uma só pétala) e *unirreme* (de uma só pata).

Prefixos correspondentes a formas livres e dependentes

EXTRA-

O prefixo *extra-* pertencia ao latim vulgar, embora circunscrito no início, conforme o sempre valioso testemunho de Maurer Jr. (1951:127-28), à parte oriental da România, isto é, à Itália e à Dácia. Segundo ainda o ilustre romanista:

Usado com o prefixo nominal de emprego limitado, extra- se acha algumas vezes em latim, mas só na decadência, sobretudo nos Padres cristãos, e.g. extramundanus (Jerônimo), extranaturalis (Tertuliano), extramuranus (Ambrósio) — extraordinarius já vem em Cícero. (1951:128)

Foi por via culta que *extra-* ingressou na România Ocidental, usado às vezes como preverbo. Em português existe *extrapolar* (séc. XX), *extravasar* (1813), *extraviar* (séc XVII), segundo informações do Dicionário de Cunha (1987).

É como prefixo nominal que *extra-* se tem afirmado verdadeiramente em português desde o século XIX. Ajunta-se a adjetivos conforme o modelo no latim pós-clássico: *extrabucal**, *extramédico**, *extracelular*, *extramental**, *extracientífico**, *extranacional**, *extracorporal**, *extracurricular*, *extraorçamentário**, *extraeconômico**, *extraperceptivo**, *extrapiramidal**, *extratemporal*, *extrajudicial*, *extrateórico**, *extralegal*, *extraterrestre*, *extralingüístico*, *extraterritorial*, *extra-sensorial*, *extravocacional**.

Em menor escala, *extra-* também se acrescenta a substantivos: *extra-empresa**(usado como adjetivo), *extra-sístole*.

DE-

Em nosso corpus, há dois tipos de formação: os de natureza vernácula e os que vieram até nós, por intermédio do latim. Estes últimos, no bojo do *corpus*, são relativamente bem representados. Constituem-se de infinitivos verbais e raros nomes, em que o prefixo, além do sema fundamental de "afastamento" (ex.: *defluxo*), exhibe outros, com ele relacionados: negação (*decrescer*, *demérito*), privação (*depilar*) e duração, indicando neste caso que ação, estado ou processo se estendem (*delinear*, *delongar* e *deperecer*).

Em português, *de-* se adjunge a bases verbais, com o sema fundamental de "afastamento". Num exemplo do *corpus*, indica "de cima para baixo": *dependurar*, onde o prefixo é redundante, já que a noção pode ser identificada no radical; noutro, indica "separação" ou "privação": *debicar*. O verbo aí, significa, a partir dos constituintes "puxar com o bico" e daí "comer pouco (como as aves)", "comer em pequena porção". O prefixo tem valor semântico um tanto opacizado, em virtude do emprego metafórico do verbo. Num outro caso, o sema do afixo é "deslocamento a partir de determinado ponto": *demarcar*. Há, enfim, o sema "em sentido contrário": *decifrar*, *decodificar*.

Existem também as formações de caráter denominal: *dealquilação**, *deaminação** e *detoxicação**. São termos da linguagem técnica, mais especificamente relacionados com a nomenclatura química. Significam respectivamente "tirar os radicais alquila", "tirar os radicais amina" e "tirar a toxidez". Mesmo os exemplos denominais pressupõem as bases *dealquilar*, *deaminar* e *detoxicar*, que não sabemos serem ou não existentes, pois não dispomos de manual ou dicionário especializado para as devidas elucidações.

De- pode ocorrer também junto a adjetivos, indicando "proveniência", conforme exemplo único do Aurélio: *deverbal*. A partir dele, no domínio da lingüística, criaram-se outros exemplos, registrados e inclusive já empregados por nós: *deadjetival*, *dessubstantival*, *denominal*. Acrescem-se a outros, confinados em terminologia técnico-científica. O *corpus* não oferece exemplos de deadjetivais.

Com base nos dados analisados, comparados aos listados pelo Aurélio, somos do parecer de que *de-* está longe de ostentar expansão semelhante à de *des-*. Tendo compulsado a mencionada obra lexicográfica, deparamo-nos com exemplos abstrusos, não só quanto ao aspecto raridade, mas também quanto à própria natureza da formação (ex.: *deflegmar* e *decriptar*). Alguns pertencem à terminologia técnica ou são de registro literário, estando incluídos entre formações prefixais: *defibrilar* (Biol. “deter a fibrilação de”), *depolarizar* (Físico-química: “efetuar a despolarização de”), *devitrificar* (cristalografia: “fazer cessar a vitrificação”); formações parassintéticas: *deflegmar* (Quím. de + *phlegma* + ar: “tirar o muco”), *degasar* (Quím. “provocar a desgaseificação de um sistema”), *degranar* (“tirar os grãos”), *deletrear* (literário: “ler letra por letra”), *demitizar* (religião: “escoimar de mitos a religião cristã”). Ressalte-se a concorrência de *de-* com *des-*: *despolarizar*, *desvitrificar*, *desflegmar* e *desgasar*.

A preferência por bases verbais já remonta ao latim clássico, conforme o balizado testemunho de Romanelli (1964).

CONCLUSÃO

Aqui pretendemos mostrar, e creio que o fizemos, ainda que densamente, quão importante foi a influência do latim em suas modalidades no léxico científico. Fica uma contribuição aos manuais de lingüística histórica, como o de Coutinho (1976) e o de Nunes (s/d), que simplesmente apontam uma lista de afixos sem indicar as condições de produtividade e de produção. Sinaliza a necessidade de estudar-se os afixos em geral com bases nas condições retrocitadas de modo a determinar que modalidade de latim influenciou no léxico português, em vez de apresentar uma mera listagem de afixos, conduzindo assim o leitor a uma falsa concepção de um latim unitário, contra a qual as próprias obras se insurgem.

É bom ressaltar que as nossas conclusões, mormente aquelas em função das bases a que o prefixo se anexa, podem estar sujeitas à correção, uma vez que nos baseamos, quanto ao latim, apenas nos testemunhos dicionariais de Saraiva (1993) e nos testemunhos gramaticais de Maurer Jr. (1951, 1959). Sabemos que estes dados, conforme a extensão da coleta, podem ser modificados, resultando, pois, em conclusões diversas.

BIBLIOGRAFIA

AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora e Officinas Typographicas e de Encadernação, [s/d.], vol. 2.

COUTINHO, Ismael. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Acadêmica, 1951.

———. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.

MORAES, Antônio. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Editora Lacerdina, 1813. vol. 2.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, [s/d.]

ROMANELLI, Rubens Carlos. *Prefixos Latinos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1964.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SERPA, Oswaldo. *Dicionário Escolar Inglês-Português Português-Inglês*. Rio de Janeiro: FENAME, 1973.